

E-Revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP

N.º 10, maio de 2022

RECENSÃO

BLINDED BY THE LIGHT, DE GURINDER CHADHA

REVIEW

BLINDED BY THE LIGHT, BY GURINDER CHADHA

João de Mancelos¹

(Universidade da Beira Interior)

PALAVRAS-CHAVE: multiculturalismo, dualismo cultural, discriminação, Gurinder Chadha

KEYWORDS: multiculturalism, cultural duality, discrimination, Gurinder Chadha

¹ João de Mancelos é licenciado em Ensino de Português e Inglês Universidade de Aveiro, 1992, mestre em Estudos Anglo-Americanos (Universidade de Coimbra, 1996, doutorado em Literatura Norte-americana (Universidade Católica Portuguesa, 2001), pós-doutorado em Estudos Literários (Universidade de Aveiro, 2006-2012) e agregado em Estudos Culturais (Universidade de Aveiro, 2015). É professor na Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior. É membro do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro. Publicou vários livros de poesia, conto e ensaio.

Poderá uma canção, mudar para sempre, a vida de um jovem? A longa-metragem *Blinded by the Light/O poder da música* (2019), realizada por Gurinder Chadha, não deixa margem para dúvidas. Este filme ilustra como a música do norte-americano Bruce Springsteen cruzou fronteiras e gerações para inspirar Javed Khan, um adolescente de origem paquistanesa, a viver em Luton, Inglaterra, no difícil ano de 1987.

Não são, nem um lugar, nem um tempo propícios para os sonhadores: o desemprego grassa, a xenofobia é constante e o partido conservador ocupa o poder. No início do filme, o jovem lamenta-se de uma realidade asfíxiante, onde não parece haver lugar para os seus projetos de vida: “The cold war rages on. Reagan and Thatcher are still number one! But I’m stuck in Luton, one of the herd. No fun, freedom or future because Luton is a four-letter word” (Chada, 2019).

Contudo, desengane-se quem julgue que *Blinded by the Light* é apenas mais uma comédia musical, apropriada para o verão e facilmente digerível pela audiência. O enredo demonstra, com realismo, os dilemas e os desafios experienciados por numerosos jovens imigrantes de segunda geração. Na busca da identidade, estes enfrentam, por um lado, famílias tradicionais e avessas à mudança e, por outro, o racismo latente ou óbvio no quotidiano.

O filme baseia-se, em grande parte, na autobiografia *Greetings from Bury Park: Race, Religion, Rock’n’Roll* (2010), do jornalista Sarfraz Manzoor, que imigrou, na infância, do Paquistão para Luton, e tentou concretizar o sonho de ser escritor. Manzoor foi também o autor do argumento do filme, juntamente com Paul Mayeda Berges e a própria realizadora, garantindo que a obra cinematográfica correspondesse quer aos eventos biográficos, quer à sua visão artística.

Tal como Manzoor, também a realizadora, Gurinder Chadha, conhece os desafios de crescer entre duas culturas e o estigma da diferença. Nascida em Nairobi, capital do Quênia, mas de origem indiana, foi levada para Londres com apenas dois anos. Recorrendo à sétima arte, tem ilustrado a vivência dos imigrantes na Grã-Bretanha atual, através de filmes como *Bhaji on the Beach* (1993), *Bend It Like Beckham* (2002) ou *Bride & Prejudice* (2004). Tais produções estabeleceram-na como uma das mais interventivas cineastas da sua geração.

Numa entrevista citada no *Internet Movie DataBase*, Chadha revela-se consciente das diversas culturas que coexistem em si e formam a sua identidade hifenizada como

queniana, indiana e inglesa: “I knew from an early age that people didn’t see the different sides of me. I formulated a kind of bi-cultural identity quite early and I was always very comfortable with it, but I knew people didn’t quite see that”.

Tal dualidade identitária é, precisamente, uma das questões que *Blinded by the Light* aborda, com tato e inteligência. Javed pertence a uma família paquistanesa de classe média, constituída por Malik, o pai, operário na fábrica de automóveis Vauxhall; Noor, a mãe, uma costureira; e Shazia, a jovem irmã, ainda estudante. Javed sente-se deslocado na célula familiar, pois percebe-se como inglês e não como oriental; o Paquistão pouco lhe diz; o islamismo não o seduz; e acha monótono o emprego dos pais.

Entre ele e o pai, mais do que um típico conflito de gerações, existe um confronto de culturas. Javed não aceita os valores de Malik, um homem conservador, movido pelo lucro, que governa a família com mão de ferro. O conselho que este transmite ao filho, à entrada na escola secundária, é significativo, pois expressa a admiração pelos judeus e pelo seu engenho nos negócios: “Stay away from the girls. Follow the Jews!” (Chada, 2019).

No entanto, o jovem acalenta objetivos diferentes dos traçados pelo progenitor: pretende integrar-se na sociedade inglesa, namorar com Eliza (uma colega e ativista política) e, acima de tudo, seguir a carreira de escritor. Assim, em vez de se matricular na disciplina de Economia, tal como o pai determinara, opta por Escrita Criativa. Aí, conta com a ajuda de Ms. Clay, uma jovem e entusiástica professora. Este passo evidencia o primeiro apoio que o jovem recebeu de um adulto:

MS. CLAY: Tell me about your poems.

JAVED: They’re crap, Miss.

MS. CLAY: Yeah, but they’re your crap. And if you keep at it, one day, you might think they’re not crap.

(Chada, 2019)

A discriminação sofrida pelas minorias étnicas constitui outro tema relevante do enredo. Esta é perpetrada pela National Front, um partido fascista fundado na Grã-Bretanha, em 1967, e consideravelmente ativo durante a era Thatcher. Na base desta hostilidade, encontram-se o racismo, em geral, e o receio de uma hipotética perda de empregos a favor dos estrangeiros, em particular. No filme, os membros da NF intimidam os paquistaneses, através de grafitis ofensivos que pintam nos muros, da perseguição nas

ruas e de uma marcha em que Malik é agredido. Até as crianças brancas, influenciadas pelos adultos, urinam, através da caixa do correio, para o interior das casas dos imigrantes. Trata-se de um ato tão comum que os paquistaneses se habituaram a proteger o soalho com uma tapete de plástico.

É nestas circunstâncias adversas que o jovem Javed procura descobrir a sua identidade pessoal, entre as raízes paquistanesas e o desejo de ser assimilado. Para o realizar, conta com um trunfo de peso: o talento para a escrita, expresso no seu diário e nas letras que escreve para Matt, um amigo músico. Contudo, o pai desencoraja-o brutalmente:

JAVED: Dad, I want to be a writer.

MALIK: Writing isn't a job.

JAVED: It can be!

MALIK: Name me one Pakistani writer. Just one!

(Chada, 2019)

A ignorância do pai é confrangedora, atendendo à quantidade e qualidade de escritores e poetas paquistaneses ou originários dessa região. Penso, por exemplo, em Ayesha Jalal, Muhammad Iqbal, Abul A'la Maududi, Jagadish Gupta, Nazir Ahmad Dehlvi, Sajjad Zaheer, Jagan Nath Azad, Tariq Ali, Hanif Kureishi, entre tantos outros.

A reviravolta do enredo ocorre durante a noite de 15 para 16 de outubro de 1987, marcada pela “Great Storm”, uma tempestade extratropical, que varreu a Inglaterra e o norte de França. Javed, profundamente desiludido com a falta de apoio familiar ao sonho de ser escritor, pega numa resma de poemas da sua autoria e sai para o temporal. Aí, lança os textos ao vento e observa como se espalham pelos jardins da vizinhança. Tal gesto desesperado simboliza a dramática capitulação de um projeto de vida.

Quando regressa ao quarto, para se acalmar, coloca os auscultadores e escuta “The Promised Land”, de Bruce Springsteen, uma escolha particularmente acertada, pois resume o sentimento de um jovem incompreendido e sem um vislumbre de futuro:

Sometimes I feel so weak I just want to explode

Explode and tear this town apart

Take a knife and cut this pain from my heart

Find somebody itching for something to start.

The dogs on Main Street howl 'cause they understand
 If I could take one moment into my hands
 Mister, I ain't a boy, no I'm a man,
 And I believe in a promised land.
 (Chada, 2019)

Significativamente, a realizadora opta por projetar a letra deste tema musical nas paredes e muros, reforçando assim a importância da mensagem, que poderia passar despercebida ao espetador comum. A canção constitui uma autêntica epifania para Javed, de tal forma que este enfrenta a tempestade e recupera muitos dos poemas que descartara. No plano da fotografia, trata-se de uma das mais belas cenas do filme; no contexto da diegese, constitui uma reviravolta crucial.

A identificação entre Javed e “the Boss” não surpreende, devido às coincidências entre a vida de ambos. Springsteen, filho de imigrantes irlandeses e italianos de classe média-baixa, também passou a adolescência numa pequena cidade industrial (Freehold, no estado de Nova Jérquia), enfrentou a indiferença do pai ao sonho de ser cantor e sentiu o desafio da integração na sociedade estadunidense, dominada pelo WASP.

Através da música interventiva, no género *heartland rock*, pugnou por dar voz à classe trabalhadora (à qual pertenciam os pais), e lutou por uma sociedade mais inclusiva (a sua E-Street Band conta com músicos afro-americanos e descendentes de imigrantes). Bem escolhida, a “tag line” do filme é: “For Anyone Who Has Ever Wanted to Dream. You're Not Alone”.

Javed explica a sua afinidade com a mensagem do cantor norte-americano, num ensaio premiado, que lê na festa da escola, perante professores, colegas, pais e namorada:

(...) the reason I connected with Springsteen is because what he sings about and champions are not only American values but are the best of human values. He talks about working hard and holding on to your dreams and not letting the hardness of the world stop you from letting the best of you slip away. (Chada, 2019)

Significa isto que Javed tem de desistir da sua herança paquistanesa para ser ele próprio? Trata-se de uma questão delicada. Eliza convence os pais do jovem a assistirem à leitura do ensaio, num anfiteatro esgotado. Javed hesita, desiste da leitura e improvisa.

O jovem reforça a necessidade de seguir o seu “sonho americano em Luton”. Em simultâneo, não deixa de reconhecer o amor familiar, os sacrifícios da mãe, que labuta como costureira, e do pai, que perdeu o emprego. Das palavras de Javed, ressuma que a identidade pessoal não é incompatível com as raízes; as escolhas não significam abandonos; o futuro não tem de prescindir do passado. Javed é paquistanês, é inglês, é ele.

Os temas do filme (dualidade identitária, racismo e assimilação) são ecuménicos e intemporais. Contudo, o filme aponta para o tempo presente, pois foi rodado durante o Brexit, que dividiu a Grã-Bretanha, inflamou o nacionalismo e preocupou os imigrantes e as minorias étnicas. Também por isso, constitui uma obra fílmica atual, pungente e merecedora de reflexão.

REFERÊNCIA DO FILME: Chadha, G. (2020). *Blinded by the Light/O poder da música*. UK: New Line Cinema.